

Narrativas *online*

(On-line narratives)

Lou-Ann Kleppa¹

¹Departamento de Línguas Vernáculas – Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

loukleppa@yahoo.com

Abstract: This study analyses 24 narratives collected during an experiment where subjects were asked to tell a story according to 12 pictures presented to them. Eight subjects told their narratives orally, while the other 16 subjects wrote their stories via internet. Due to the fact that these narratives were recorded while they were produced, they present peculiar structures. These phenomena will be examined in three dimensions: first, references to the main character of the narratives will be studied; then the ordering of events will be investigated; and finally the *ego, hic et nunc* markings in the stories will be examined.

Keywords: narratives; referential cohesion; temporal progression; *ego, hic et nunc* markings.

Resumo: Neste estudo, analisamos um total de 24 narrativas, resultantes de um experimento em que o sujeito era solicitado a contar uma estória a partir de 12 imagens. Oito desses sujeitos contaram sua narrativa oralmente e os restantes 16 sujeitos participaram do experimento por escrito pela internet. Por terem sido registradas enquanto foram produzidas, as narrativas apresentam marcas peculiares que são examinadas em três dimensões. Em primeiro lugar, examinamos as formas usadas para estabelecer e retomar o personagem principal das narrativas. A seguir, investigamos como estão ordenados os eventos das narrativas; e por fim analisamos as marcas de eu/aqui/agora que os sujeitos do experimento deixaram em suas narrativas.

Palavras-chave: narrativas; coesão referencial; progressão temporal; marcas de eu/aqui/agora.

O que significa ‘online’

Neste estudo, analisamos um total de 24 narrativas, resultantes de um experimento em que o sujeito era solicitado a contar uma estória a partir de 12 imagens. Oito desses sujeitos contaram sua narrativa oralmente para a autora deste artigo e os restantes 16 sujeitos participaram do experimento por escrito: o experimento ficou hospedado na página do Laboratório Virtual de Psicolinguística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (<http://psicolinguistica.letas.ufmg.br/site/>).

‘Narrativa *online*’ significa, então, ‘registrada enquanto produzida’ e não se restringe ao suporte (internet) em que foi produzida, mesmo porque um terço delas foi produzido oralmente. Pode-se dizer que o planejamento dessas narrativas é *online*, porque a estória contada se desenrola conforme as imagens são apresentadas. Além disso, os narradores que participaram deste experimento se defrontaram com a impossibilidade de reformular suas narrativas sem deixar registradas as marcas de mudança.

Estudos sobre a coesão textual, como por exemplo o de Koch (2009), costumam analisar dois aspectos principais nas narrativas: coesão referencial (concernente aos personagens e estratégias de apresentar e retomá-los) e coesão sequencial (concernente aos eventos relatados na narrativa). Neste estudo, pretendemos examinar também esses dois aspectos nas narrativas coletadas através de experimentos. Ademais, pretendemos

analisar as marcas de ancoragem do narrador em si, no momento de produção e no espaço em que está situado (marcas de eu/aqui/agora). Não se trata de contrapor os resultados da análise dessas narrativas *online* com resultados de análises feitas em narrativas feitas por narradores que tiveram tempo para planejar e modificar o seu texto. Esse seria um projeto futuro. Por ora, pretendemos analisar apenas as narrativas *online* com suas peculiaridades.

O experimento

Todos os sujeitos que participaram do experimento receberam a instrução de contar uma história que começasse com ‘era uma vez’ e produziram suas narrativas com base na mesma sequência das mesmas imagens dispostas em fotografias. As imagens apresentadas aos sujeitos representam objetos, animais e obras arquitetônicas, não eventos em que se desenvolvem ações. São elas: homem sorridente – estrada com neblina – deserto arenoso – fonte de água – campo florido – carneiro – labirinto de arbustos – castelo medieval – lampião – nozes – gato deitado – corredor iluminado.

Aos sujeitos que contaram a história oralmente, a imagem seguinte à que estavam usando para sua narrativa era apresentada assim que faziam uma pausa ou que sinalizavam que queriam ver a imagem seguinte. Aos sujeitos que participaram do experimento por escrito, a imagem seguinte era apresentada depois de escreverem uma porção de texto no espaço abaixo da imagem e darem o comando <Enter>.

No experimento realizado através do portal do Laboratório Virtual de Psicolinguística da UFMG não houve qualquer tipo de controle dos sujeitos (idade, formação escolar, sexo, classe social etc.), e os sujeitos que participaram oralmente do experimento funcionaram como sujeitos-controle. Os oito sujeitos eram alunos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo duas moças e seis rapazes entre 23 e 28 anos de idade.

Depois de transcritas, as narrativas orais se mostraram mais extensas que as narrativas produzidas por escrito. As narrativas escritas contam com uma média de 7 linhas (em Times New Roman, fonte 12), ao passo que as narrativas orais contam com uma média de 20 linhas.

Proposta de análise

Em primeiro lugar, a proposta da pesquisa é contrastar as narrativas orais com as narrativas escritas. Era esperado que narrativas que começam com ‘Era uma vez’ seguissem um certo esquema de contos de fada (com o uso, por exemplo, de elementos mágicos, um herói, muita ação, raciocínio pouco convencional, final feliz). Muitas das narrativas resultantes, no entanto, surpreenderam por seu caráter pouco narrativo (abandono do personagem principal, nenhuma ação, sem final). Portanto, em segundo lugar, a proposta é analisar as 24 narrativas obtidas, enfocando três marcas de textualidade:

- 1) coesão referencial segundo Koch (2009 [1989]);
- 2) progressão temporal segundo a Discourse Representation Theory (DRT);
- 3) marcas de eu/aqui/agora conforme Fiorin (2010 [1996]).

O referencial teórico arregimentado para a análise parece heteróclito, mas serve ao propósito de apontar em que medida algumas das narrativas obtidas neste experimento divergem do padrão estrutural de narrativa. Não mantivemos o texto de Koch para a análise da coesão sequencial, porque a autora trata inclusive de textos argumentativos, em que a manutenção e o encadeamento do tema são examinados. Nas narrativas analisadas, o foco é a relação temporal dos eventos narrados. Além de definir se os eventos se apresentam numa relação de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade (o que Koch faz), nos importa perceber quando há narração e quando há apenas uma descrição de cena (o que a DRT permite fazer). Por fim, a participação do narrador e sua ancoragem no momento de fala nos chamaram atenção. Nem Koch (2009 [1989]) nem a DRT se propõem a estudar as marcas enunciativas de *ego*, *hic et nunc* no texto. Para entender que efeito de sentido essas marcas exercem nas narrativas coletadas, recorremos a Fiorin (2010 [1996]).

Coesão referencial

Analisando a coesão referencial, examinamos como os sujeitos que contaram narrativas orais e por escrito fizeram referência ao personagem principal (apresentado na primeira imagem) de suas narrativas. Seguindo a proposta de Koch (1989, p. 31), temos então um *referente* (o herói) e *formas remissivas* (seu nome, pronomes, sintagmas nominais e elipses) que retomam esse referente no texto. No presente estudo, limitamo-nos à identificação das formas remissivas que retomam o melhor candidato a personagem principal da narrativa (um ser humano). Koch distingue formas remissivas gramaticais presas de livres, que é uma subdivisão que não pretendemos fazer neste artigo. Interessam-nos os nomes próprios, pronomes, sintagmas nominais e elipses. Um exemplo de instalação e retomada do referente através desse tipo de formas, coletado de um sujeito que produziu uma narrativa oral, é apresentado a seguir:

- (1) Era uma vez **um rapaz** chamado **Rafael**, **que** estava num dia muito feliz. Então **ele** resolveu pegar o **seu** carro e **sair**, fazendo uma viagem pela estrada, uma estrada que **ele** achava muito bonita. (So4)

No exemplo acima, temos as seguintes referências ao personagem principal: sintagma nominal (*um rapaz*); um nome próprio (*Rafael*), três pronomes (*que*; *ele*) e uma elipse (o sujeito do verbo *sair*). Note-se que a diferenciação entre o referente e as formas remissivas não é feita na presente análise; interessa-nos apenas o total de ocorrências de referências ao personagem principal da narrativa.

Tabela 1: Coesão referencial nas narrativas orais

	Nome próprio	Pronome	Sintagma nominal	Elipse
So1	2	6	1	3
So2	-	14	2	11
So3	5	18	-	3
So4	1	26	1	4
So5	-	10	1	3
So6	-	15	4	10
So7	-	12	3	4
So8	6	11	2	7

Tratamos os sujeitos que contaram narrativas orais de So1, So2, So3 etc. e os sujeitos que escreveram suas narrativas de Se1, Se2, Se3 etc.

Pode-se depreender da Tabela 1 que apenas metade dos sujeitos deu um nome ao seu personagem principal. Além disso, para todos os sujeitos, a retomada desse personagem foi preferencialmente realizada através de pronomes (preenchendo o espaço do sujeito, o que obedece a uma tendência do português falado). Por fim, pode-se notar que as elipses são mais abundantes do que as referências através de sintagmas nominais. Ao voltarmos o olhar para as narrativas escritas, constataremos que não há tendências ou preferências claras. A Tabela 2 apresenta a quantidade e tipos de referenciação realizadas nas narrativas escritas:

Tabela 2: Coesão referencial nas narrativas escritas

	Nome próprio	Pronome	Sintagma nominal	Elipse
Se1	-	9	1	5
Se2	-	-	1	-
Se3	-	1	1	-
Se4	-	17	3	2
Se5	-	10	2	2
Se6	-	13	3	3
Se7	-	5	3	1
Se8	-	7	2	2
Se9	-	1	2	2
Se10	-	-	1	-
Se11	-	2	1	4
Se12	-	1	2	-
Se13	1	4	-	9
Se14	1	9	1	2
Se15	-	2	-	-
Se16	-	2	1	3

Apenas dois de 16 narradores por escrito deram nome ao personagem principal (contra metade nas narrativas orais). Além disso, há dois casos (Se2 e Se10) em que o referente é estabelecido através de um sintagma nominal e em seguida abandonado. Como exemplo ilustrativo, apresentamos a narrativa de Se2:

- (2) **Um belo rapaz.** Um lindo dia, mas de repente tudo se transforma. Poucos eram os recantos com vida e frescor. As belas paisagens ficaram restritas na memória. O ciclo da vida já não tinha tantas possibilidades para se desenvolver como antes. Ficavam, agora, restritos a áreas muito raras. Com o tempo, alguns jardins começaram a florescer e a tomar forma. A aridez de alguns lugares foi vencida pela vontade de viver e florescer. O que parecia sombrio torna-se agora iluminado e com uma certa esperança. Sementes começam a se multiplicar. Nada passa despercebido ao olhar atento da natureza. Um novo caminho se configura, nos levando a lugares onde novas escolhas serão feitas, e quem sabe, com mais sabedoria.

O exemplo acima já revelou as duas outras categorias que este artigo toma como objeto de investigação. Passemos então, à progressão temporal.

Progressão temporal

A progressão temporal é um importante mecanismo de coerência e coesão. É um dos recursos privilegiados para sabermos quando estamos diante de um texto ou de um apanhado de sentenças. Teorias formais como a Discourse Representation Theory (DRT) procuram capturar a progressão temporal através da ideia de pontos ou momentos de tempo que têm as relações mencionadas entre si. A principal característica da DRT é a computação de sentenças como um todo; as sentenças são avaliadas em um contexto, que é alterado incrementalmente pela computação das sentenças. Assim as sentenças são entendidas como funções de contexto para contexto.

Lançamos mão da DRT, porque oferece um instrumental teórico suficientemente detalhado para ordenar os eventos narrados. As marcas morfológicas de tempo, os conectivos (advérbios, conjunções, sintagmas preposicionais) e a ordem *default* permitem que se disponha os eventos numa *linha temporal*. Segundo Kamp e Rohrer (1983), é possível representar relações de anterioridade (por exemplo, por meio do pretérito mais que perfeito), simultaneidade (por exemplo, por meio de gerúndios) e de posterioridade (por exemplo, por meio de advérbios) nesta linha temporal. As marcas aspectuais (perfectivo e imperfectivo) separam *ações* de *descrições* nas narrativas. O pretérito perfeito veicula o aspecto perfectivo, que apresenta um dado evento como acabado, “encerrado” em seus limites. Já o pretérito imperfeito introduz um “estado” no discurso que, por sua vez, não apenas se situa antes do momento de fala (na linha do tempo), mas contém o último evento apresentado. Observemos como exemplo o início da narrativa de So6:

- (3) **Era** uma vez um padre que **foi pregar** num lugar muito distante. **Aí, depois de pregar muito**, esse padre **resolveu** que **tava** na hora dele **sair** em retiro pra se **concentrar** espiritualmente. **E foi** andar numa floresta. **Aí** ele **andou**, **resolveu** parar pra descansar, só que ele **dormiu**. **E acordou**. **Depois de trezentos anos**. A floresta **tinha ido** embora e **tinha** um deserto no lugar. **E aí** ele só **encontrou** ruínas e restos de coisa. **E** ele **tava** com muita sede e **bebeu** uma água meio esverdeada que **tava** numa das ruínas.

No exemplo acima, temos marcas de quase todas as categorias que identificamos nas narrativas (falta o gerúndio marcando simultaneidade). No exemplo, notamos:

- o pretérito perfeito descrevendo ações (*foi* + infinitivo; *resolveu* + oração; *andou*, *resolveu* + sintagma verbal; *dormiu*; *acordou*; *encontrou*; *bebeu*);
- o pretérito mais que perfeito marcando ações que se desenvolveram num tempo anterior ao tempo pretérito de referência (*tinha ido embora*);
- o pretérito imperfeito descrevendo cenários (*era uma vez um padre*; *tava* + sintagma preposicional; *tinha um deserto*; *ele tava com muita sede*);
- advérbios (*aí*; *depois* + sintagma preposicional); conjunções (*e*); ordem *default* (*andou*, *resolveu parar*).

As tabelas abaixo apresentam os tipos e os números de ocorrências das marcas de progressão temporal identificadas nas narrativas analisadas. Não foram considerados verbos no tempo presente (porque farão parte da análise das marcas de eu/aqui/agora) e futuro. É preciso considerar ainda que todos os verbos da narrativa foram contados, não apenas aqueles que diziam respeito ao personagem principal da narrativa. Um último esclarecimento a respeito das Tabelas 3 e 4 é que *PP+derivados* e *PI+derivados* significa que estamos diante de um verbo auxiliar ou modal conjugado ao qual se ligam formas infinitivas ou no gerúndio.

Tabela 3: Progressão temporal nas narrativas orais

	PP+deriv	PMQP	PI+deriv	Gerúndios	Conectivos	Ordem
So1	4	-	4	-	3	-
So2	25	-	16	3	12	5
So3	6	-	17	-	7	-
So4	23	1	26	2	21	-
So5	12	-	7	1	10	-
So6	23	1	9	-	23	4
So7	10	2	10	-	8	1
So8	2	-	21	1	9	-

Na Tabela 3, nota-se um certo equilíbrio principalmente entre os verbos perfectivos e imperfectivos e um uso bastante regular de conectivos. A simples ordenação dos eventos, como podemos observar no trecho retirado da narrativa de So2, foi mais frequente nas narrativas orais que por escrito:

- (4) E aí ele **arriscou** entrar no castelo, **viu** um longo corredor e enfim, viu uma sombra passando no final do corredor. (So2)

O quadro muda um pouco quando observamos as narrativas produzidas por escrito, cujos achados são apresentados na Tabela 4. É possível perceber que os sujeitos que produziram suas narrativas por escrito tenderam a equilibrar o uso de imperfectivos e conectivos, com uma clara preferência para verbos no imperfectivo. Isso tem como efeito de sentido uma narrativa em que há mais descrições de cenário do que ações propriamente ditas.

Um exemplo de narrativa puramente descritiva nos é fornecido por Se11:

- (5) Um malandro carioca que vagava por manhãs enevoadas. **Bebia** sempre da mesma fonte e passava sempre pelas mesmas flores. **Era** tudo tão rotineiro que nem apreciava mais a beleza das pequenas coisas. **Vivia** num labirinto de emoções e sua alma ficava presa em uma torre bem alta, como que pendurada. **Era** escondida, como se morasse dentro de uma noz. **Tinha** olhos de gato e passava sob umbral.

Surpreendentes, no entanto, são as narrativas de Se9, Se10, Se11 e Se15, em que não há verbos no tempo pretérito perfeito. Abaixo, apresentamos a narrativa de Se10, desprovida de verbos no tempo pretérito:

- (6) Um rapaz posudo. Uma estrada sem fim. Uma praia deserta, uma fonte. Flores no gramado verde, um bebê, um labirinto. Um castelo com uma planta solitária na muralha. Uma lâmpada. Nozes que se parecem com um cérebro. Um gato ruivo num ambiente de arquitetura moderna.

Neste caso, em especial, surgem dúvidas quanto à eficácia e clareza metodológica do experimento. É bem possível que o sujeito Se10 não tenha compreendido o enunciado do experimento e tenha simplesmente dado títulos às imagens, como quem etiqueta um álbum de fotografias.

Tabela 4: Progressão temporal nas narrativas escritas

	PP+deriv	PMQP	PI+deriv	Gerúndios	Conectivos	Ordem
Se1*	6	2	5	-	5	-
Se2	3	-	4	-	4	-
Se3*	3	-	7	-	2	-
Se4*	7	-	12	1	8	-
Se5*	9	-	11	-	5	-
Se6*	2	-	12	1	7	-
Se7*	5	1	7	-	5	-
Se8*	2	-	7	1	7	-
Se9*	-	-	5	-	1	-
Se10	-	-	-	-	-	-
Se11	-	-	10	-	2	-
Se12	12	-	1	1	2	-
Se13	2	1	2	1	12	-
Se14	8	-	1	-	4	1
Se15	-	-	2	-	2	-
Se16*	4	-	10	-	5	-

Os asteriscos marcam os sujeitos que produziram narrativas iniciadas por ‘era uma vez’. Uma possível corroboração para o fenômeno observado no exemplo acima pode ser o fato de que, das 16 narrativas escritas, apenas nove são iniciadas com ‘era uma vez’ pelos sujeitos. Os outros sete participantes não recorreram à expressão, seja porque a tomaram como um dado, seja porque não interpretaram adequadamente a tarefa que o experimento propunha. Este último caso parece explicar a narrativa de Se10. Não temos instrumentos para retrair a intenção, compreensão e interpretação do sujeito, mas parece razoável admitir que o texto de Se10 se assemelha bastante a descrições pontuais de cada imagem — o que está longe de formar uma narrativa.

Marcas de eu/aqui/agora

Foi observado que muitos sujeitos que participaram do experimento deixaram nas suas narrativas marcas de eu/aqui/agora. Este tipo de marca não faz parte dos recursos mobilizados em histórias iniciadas pela fórmula ‘era uma vez’, por isso chamaram atenção.

As marcas de eu/aqui/agora fazem com que a narrativa passe do plano do texto para o plano do discurso, porque instanciam um narrador que enuncia a partir de um dado tempo e espaço. Podemos separar diferentes tipos de marcas de eu/aqui/agora. Os sujeitos que interagiram com a autora deste artigo, por exemplo, tiveram a chance de fazer perguntas e comentários sobre as imagens:

- (7) **Isso é uma noz?** (So4)/ **Isso é um carneiro?** (So5)
Ah, como são bonitinhos! (So3) / **Ai, que lugar lindo!** (So5)

Tanto os sujeitos que oralizaram como os que escreveram suas narrativas produziram comentários sobre a própria narrativa:

- (8) **Tá parecendo Resident Evil, isso (So3)/ Outra alucinação de novo (So6)**
Mas essa estória é muito longa e sem graça. Vamos acabar com isso por aqui. (Se3).

Estas marcas foram registradas no experimento, mas entendemos que não fazem parte da narrativa propriamente dita: dobram-se sobre as imagens ou a própria estória, sem fazer com que o narrador figure como participante da narrativa.

Nas narrativas, detectamos que ora o narrador se mostra como observador, ora como participante da narrativa através de marcas de eu/aqui/agora codificadas em (i) marcas de pessoa (pronomes pessoais ou marcas morfológicas em terminações verbais); (ii) advérbios de lugar que tomam como marco de referência um *aqui*; (iii) marcas morfológicas de tempo presente, assim como (iv) advérbios de tempo que tomam como referência o momento de fala. Detectamos, ainda, (v) modalizadores que indicam a presença de um narrador participante, mesmo que não apresentem marcas morfológicas de primeira pessoa ou tempo presente.

Exemplos de marcas de *ego* são:

- (9) Então à noite era muito importante **você** ter luz (So3)
E não **podemos** esquecer também da sua ovelhinha, a Dolly (So8)
Eu sou o tal! (Se15)
E o que será que **nos** espera? (Se15)

Exemplos de marcas de *hic* são:

- (10) não no deserto, mas enfim, numa faixa litorânea **aí** no deserto (So2)
aqui existem verdes pastos floridos (Se1)
E **aqui** havia luz (Se15)

Exemplos de marcas de *nunc* são:

- (11) O importante é encontrar comida nos lugares (So3)
como **mora** em BH, o jeito foi se virar com uma fonte (Se1)
o rapaz que **agora** não era mais só (Se4)

Exemplos de *modalizadores* são:

- (12) gramado cheio de flores, **aparentemente** tulipas (So2)
construção **meio** histórica, **parecia** uma coisa de pessoas ricas, **talvez** (So4)
entrou no castelo, que **na verdade** era um museu (So5)

Nem todas as marcas de *ego* correspondem de fato à instalação da primeira pessoa do singular, como observamos nos exemplos em (9). Para entender como isso é possível, mobilizamos *As astúcias da enunciação*, que versa sobre embreagens (instanciação de eu/aqui/agora) e debreagens (deslocamento de eu/aqui/agora) enunciativas. Uma embreagem corresponde ao movimento de instalar um participante na narrativa; ao passo que uma debreagem corresponde ao deslocamento desta pessoa para outra (no nosso caso, *você* e *nós*). Por razões de delimitação de espaço, não abordaremos detalhes das embreagens e debreagens realizadas pelos sujeitos do experimento.

Nas tabelas abaixo, apresentamos os números de ocorrências das marcas de eu/aqui/agora:

Tabela 5: Marcas de eu/aqui/agora nas narrativas orais

	Perguntas	Comentários	<i>Ego</i>	<i>Hic</i>	<i>Nunc</i>	Modalizadores
So1	-	-	-	-	-	-
So2	-	-	1	3	3	8
So3	-	2	1	-	4	1
So4	1	-	-	-	-	3
So5	1	1	-	-	1	1
So6	-	1	1	-	1	1
So7	-	-	-	-	-	-
So8	-	-	2	-	2	3

É surpreendente notar que, com a exceção de dois sujeitos (So1 e So7), todos os sujeitos que produziram narrativas orais deixaram algum tipo de marca de enunciação em suas narrativas.

Tabela 6: Marcas de eu/aqui/agora nas narrativas escritas

	Perguntas	Comentários	<i>Ego</i>	<i>Hic</i>	<i>Nunc</i>	Modalizadores
Se1	-	-	-	1	2	-
Se2	-	-	1	-	5	-
Se3	-	1	1	1	1	-
Se4	-	-	-	-	1	-
Se5	-	-	-	-	-	-
Se6	-	-	-	-	-	-
Se7	-	-	-	-	-	-
Se8	-	-	-	-	-	-
Se9	-	-	-	-	-	-
Se10	-	-	-	-	1	1
Se11	-	-	-	-	1	-
Se12	-	-	-	-	1	-
Se13	-	-	-	-	-	-
Se14	-	-	-	-	-	-
Se15	-	-	2	1	5	-
Se16	-	-	-	-	-	-

Nas narrativas escritas, os participantes do experimento não estavam numa relação de interação com a experimentadora, portanto não fizeram perguntas sobre as imagens. As marcas que mais aparecem nas narrativas escritas são de tempo presente.

Considerações finais

As narrativas *online* analisadas aqui são peculiares justamente por terem sido registradas enquanto produzidas. Como elas se desenvolveram enquanto eram narradas, e como a produção dependia das imagens vistas, o rumo das histórias era ditado pelas imagens. Apenas na primeira imagem figurava um ser humano (melhor candidato a herói da narrativa), mas os sujeitos do experimento não sabiam de antemão que este deveria

ser/seria seu personagem principal. Ainda assim, as narrativas orais são diferentes das narrativas escritas. Em todas as narrativas orais, o personagem principal é estabelecido e mantido até o fim da estória. No caso das narrativas escritas, a falta de controle sobre os elementos da narrativa talvez explique o baixo número de referências ao personagem principal e o fato de que cinco narrativas escritas abandonaram o personagem principal antes da metade da estória.

Quando analisamos a progressão temporal das narrativas orais e escritas, percebemos que o gênero discursivo iniciado pela expressão ‘era uma vez’ não foi minimamente respeitado por alguns dos sujeitos que escreveram suas narrativas. Ao invés de contar uma estória no tempo pretérito, estes sujeitos se limitaram a descrever as imagens que viam. Neste contexto, apareceram muitos verbos no tempo presente e algumas marcas referindo ao espaço como *aqui*.

Por fim, quando nos debruçamos sobre as marcas de eu/aqui/agora, pudemos retratar características da situação de produção das narrativas: os sujeitos que contaram suas estórias oralmente estavam face a face com a experimentadora, e aproveitaram a chance de fazer perguntas e comentários sobre as imagens. Os modalizadores que quase todos usaram, relacionavam-se, em grande parte, a tentativas de interpretar as imagens das fotografias. Em suma, pode-se perceber um envolvimento maior dos sujeitos que contaram suas narrativas oralmente, já que duvidamos que todos os sujeitos que participaram do experimento via internet tenham de fato compreendido o enunciado do experimento.

É possível que todas as explicações para as diferenças gritantes que observamos entre as narrativas orais e escritas se resumam à má interpretação da tarefa do experimento, visto que os sujeitos que contaram suas narrativas oralmente tiveram a oportunidade de pedir esclarecimentos sobre o procedimento do experimento, ao passo que os sujeitos que contaram suas narrativas por escrito estavam sozinhos diante das imagens. Por outro lado, é possível também que as condições discursivas dos sujeitos determinaram – se não o caráter narrativo das estórias orais *versus* a ausência de caráter narrativo em algumas estórias escritas – o tipo e número de marcas enunciativas (eu/aqui/agora) nas narrativas. Em termos bakhtinianos, os sujeitos que contaram suas narrativas oralmente estavam de fato envolvidos numa situação dialógica, “responsabilizando-se” pelo próprio discurso. Os sujeitos que participaram do experimento via internet não tiveram essa mesma interação e comprometimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010. (6. reimpr.). [1996].

KAMP, H.; ROHRER, C. Tense in texts. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; VON STECHOW, A. (Eds.) *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin, New York: Gruyter, 1983. p. 250-269.

KOCH, I. V. *A Coesão Textual*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2009. (2. reimpr.). [1989].